



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

REPRESENTAÇÕES EUROCÊNTRICAS: PARECEM ANCORADAS AO PASSADO, MAS PODEM SER PRODUTIVAS NO PRESENTE!

João Carlos Amilibia Gomes

PPGEdu/UFRGS

jcamilibiagomes@via-rs.net

No Brasil, o mercado editorial de livros didáticos vem crescendo a passos largos desde os anos sessenta do século passado, o que de certo modo reforça a necessidade de atentarmos à produtividade das representações que circulam em tais artefatos pedagógicos nos processos de formação identitária de milhares de jovens. É considerando tal dimensão que analiso, no presente trabalho, representações eurocêntricas, atravessadas por discursos de etnia, de gênero e de corpo, nas imagens de três livros didáticos de História/Ensino Médio que tiveram ampla circulação em escolas da rede privada do Rio Grande do Sul, na primeira década do corrente século.

Desenvolvo esta abordagem, a partir de recortes de uma das categorias de análise de minha dissertação de mestrado¹. A categoria em questão foi intitulada *Representações eurocêntricas* e envolve representações significativamente matizadas por discursos de etnia, que são especialmente importantes para esta análise.

O presente trabalho é materializado no âmbito dos Estudos Culturais, os quais permitem a utilização de várias teorizações e metodologias, algumas consideradas por determinados/as pensadores/as como que “próprias” de certas disciplinas acadêmicas. Os Estudos Culturais favorecem abordagens que enfatizam “a relevância de se analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e suas práticas” (Costa, Silveira e Sommer, 2003, p. 38), o que pode propiciar entender comportamentos e idéias compartilhadas pelas pessoas em determinados contextos sócio-culturais.

No campo dos referidos Estudos, é possível imaginar os livros didáticos como artefatos pedagógicos, constituídos por narrativas multissemióticas, com representações de etnia, de gênero, de corpo, dentre outras, que podem colaborar nos processos de

¹ A dissertação de mestrado é intitulada *As representações de feminino nas imagens dos livros didáticos de História – Ensino Médio* e, foi apresentada e aprovada no ano de 2007 no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil.



constituição de “sujeitos reais”. Penso a representação, neste texto, conforme Hall (1997, p. 61), como “o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para produzir sentidos. [Deste modo] somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentido às coisas”.

Imagino os diferentes tipos de textos como lugares nos quais circulam significados e como produtores de significados. É o caso das imagens, pensadas como textos imagéticos, lugares nos quais se constituem representações com determinados sentidos, bem como é o caso dos textos verbais, desenvolvidos no âmbito do sistema gramatical vigente e circulante no país, pensáveis como construções discursivas, produtivas na formação de identidades.

Neste trabalho, as identidades são tratadas como construções sócio-históricas, que se (re)criam em determinados contextos, não alcançando “uma natural estabilidade”, à medida que não são naturais e, assim, “precisam ser constantemente produzidas e normalizadas” (Sabat, 2004, p. 95). A normalização e naturalização de determinadas identidades localizam outras identidades no âmbito da anormalidade, à medida que “normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual [...] outras identidades são avaliadas e hierarquizadas” (Silva, 2000, p. 83).

Assim, a identidade normal é representada como aquela que abrange características positivas em detrimento das outras identidades em que se localizariam características negativas. Se “a força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como [uma] identidade, mas simplesmente como [a] identidade” (Silva, 2000, p. 83)², com as outras identidades, ocorre o contrário: estas são efetivamente marcadas como tais, como outras. Nas construções histórico-discursivas, os outros seriam aqueles que ocupariam a condição de não-privilegiados ou que sequer teriam condições de emergir nas narrativas.

Nos artefatos pedagógicos em questão, os sujeitos que representariam a norma, assim como aqueles que seriam os outros, são representados em construções histórico-discursivas multissemióticas, se materializando, deste modo, sob diferentes linguagens.

² No texto de Silva, a palavra “uma” e o artigo “a”, encontram-se em itálico, conforme segue: *uma* identidade [...] como *a* identidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Algumas considerações sobre os livros didáticos

Os três livros didáticos de História analisados são volumes únicos destinados às três séries de Ensino Médio, abrangendo conteúdos de História Geral e do Brasil, sendo que, quanto à organização temática, iniciam abordando conceitos e/ou conhecimentos básicos para os estudos da disciplina de História, tais como concepções de tempo, sentidos da palavra *história*, a produção do conhecimento histórico e as fontes históricas, passando, a seguir, a estudos relativos à chamada Pré-História e “avançando” até a contemporaneidade. Os títulos, autores/as, anos e números totais de páginas dos referidos livros são os seguintes: *História: das cavernas ao Terceiro Milênio*, de Myriam Becho Mota e Patrícia Ramos Braick, da editora Moderna, ano 2005, 592 páginas; *História Global: Brasil e Geral*, de Gilberto Cotrim, da editora Saraiva, ano 2005, 608 páginas e *História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil*, de Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo, da editora Scipione, ano 2004, 692 páginas. As obras foram publicadas todas no Estado de São Paulo.

Nas narrativas dos livros problematizados, se encontram mapas, textos de variadas autorias, esquemas, gráficos e farto e heterogêneo material iconográfico como: alegorias; caricaturas/charges; fotografias – desde aquelas destinadas ao universo privado e/ou vinculadas à prática artística até as de cunho jornalístico; gravuras de diversas técnicas; materiais de propaganda – tanto voltadas ao consumo de produtos, quanto de idéias; imagens destinadas a capas de disco, de livros e de revistas; imagens de cenas de filme; pinturas em variadas técnicas; iluminuras; esculturas; miniaturas; imagens em manuscritos; mosaicos; imagens em moedas, brinquedos e mascaras.

Os diferentes textos se encontram em construções histórico-discursivas que passo a analisar sem o intuito de desvelar verdades – pois entendo que não há algo a ser desvelado – mas com a intenção de colaborar com reflexões que procuram discutir a produtividade das representações de etnia, de gênero e de corpo dos livros didáticos, nos processos de formação de determinados sujeitos, em detrimento de outros.

Coisas do passado? Será?



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A educação, por um lado, é o instrumento pelo qual as pessoas, em nossa sociedade, podem ter acesso a vários tipos de discurso, mas, por outro lado, todo “sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (Foucault, 2002, p.44). Isto nos permite inferir que o acesso a “vários tipos de discurso” (o grifo é meu) sofrerá limites advindos do campo político. Assim, podemos não encontrar determinadas construções discursivas nos livros didáticos que poderiam nos parecer indispensáveis, bem como é possível que encontremos nos artefatos discursos que criamos já serem superados.

As representações que analiso, portanto, se localizam em narrativas que são constituídas sob determinadas condições de possibilidade, circulando em livros que são pensados, dentro e fora da escola, como lugares de verdades cientificamente estabelecidas. Em tais livros, não se (re)cria todo e qualquer discurso, pois eles se materializam no âmbito de dados currículos que favorecem a constituição de sujeitos com modos específicos de perceber a si e aos outros, com determinadas visões de mundo, em detrimento de outras.

Passando à análise, observo que no livro *História: das cavernas ao Terceiro Milênio*, no capítulo que aborda a expansão marítima europeia nos séculos XV e XVI, se encontra um conjunto de quatro xilogravuras – representações da Europa, da Ásia, da África e da América – que são utilizadas pelas autoras do livro – Mota e Braick – para ilustrar um texto – citação – de autoria do historiador Jacques Le Goff, referente a um mapa de 1574.

A imagem do referido mapa não é apresentada na narrativa do livro, mas sim a descrição de Le Goff relativa aos continentes que nele se encontrariam: a Europa seria representada com símbolos de realeza, a Ásia, como lugar das especiarias, a África, como uma mulher negra pobremente vestida e a América, como uma mulher nua e canibal.

As xilogravuras que ilustrariam a descrição de Le Goff, com algumas nuances, seriam de Tozzi e teriam sido publicadas na segunda década do século XVII. Nelas pode-se ver que: a Europa está representada inteiramente vestida, sentada, ostentando uma coroa e com uma coruja aos pés; a Ásia também está bastante vestida, mas em pé, parecendo segurar especiarias e tem um animal de certo porte atrás de si; a África (na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

xilogravura não é discernível se está representada como mulher negra) tem uma das pernas à mostra, em pé, está em meio a animais, com cobras aos pés e segura uma espécie de planta; a América tem partes das pernas à mostra, em pé, segura com uma mão uma flecha e com outra um arco, tem uma cabeça humana caída entre seus pés e, próximo, pode-se ver um réptil. As quatro xilogravuras, ao que parece, deveriam dar uma idéia, sob o ponto de vista imagético, ao/a leitor/a, do que Le Goff veria ao descrever verbalmente o mapa da segunda metade do século XVI.

Embora os quatro continentes sejam representados como mulheres nas xilogravuras, há uma hierarquia entre “elas”, que favorece politicamente o feminino europeu ocidental. A Europa está associada a um tipo de organização política, simbolizada pela coroa, e à erudição e inteligência representadas pela coruja. O continente, bem vestido, não despertaria desejos sexuais e poderia ser pensado como representante do mundo civilizado. O fato de a Europa estar sentada também marcaria o distanciamento da sua condição em relação aos outros continentes, representados em pé. A Ásia, a África e a América, diferentemente da Europa, seriam os lugares do não-civilizado, do exótico, e, nos casos da África e da América, esses seriam também os lugares dos perigos, do selvagem. A América é articulada ao canibalismo.

As autoras do livro explicitam que a hegemonia cultural européia fora significativa em dadas representações cartográficas e utilizam um fragmento de texto, de Mary Del Priore, para evidenciar como roupas, posturas e instrumentos constituiriam uma descrição da Europa, da América e da Ásia, com determinadas hierarquias e valores que favoreceriam à Europa. Entretanto, Mota e Braick também salientam que houve um contraponto dos cartógrafos muçulmanos à visão eurocêntrica e, neste caso, o Oriente teria uma posição privilegiada em relação a outros continentes.

Se, por um lado, as práticas eurocêntricas dos europeus, na relação com outros povos, são enfatizadas na narrativa histórica, por outro lado, aqueles que são objeto de tal eurocentrismo emergem na narrativa, como objetos da ação européia, como outros em relação ao europeu.

A construção textual é baseada numa periodização européia (francesa), como se pode ver na frase “os mapas apresentados na modernidade européia renascentista” (Mota e Braick, 2005, p. 142). A narrativa histórica, no livro didático, se desenvolve no



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

âmbito de quatro períodos: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

É significativo que a abordagem analisada se encontre no interior de uma periodização européia matizada por acontecimentos, que teriam importância, fundamentalmente, para a história dos povos da Europa. A construção histórico-discursiva favoreceria a (re)criação da dicotomia colonizador-colonizado, e os europeus seriam representados, em dados momentos da narrativa, como protagonistas de aventuras que culminariam com descobertas e evolução tecnológica.

No caso das construções de gênero feminino propriamente ditas que teriam se materializado a partir da visão eurocêntrica, elas não são focalizadas, mas apenas o que estaria metaforicamente constituído, nos corpos femininos, significando determinados continentes. Os signos diriam respeito aos lugares representados, e as construções de gênero feminino ficariam fora do foco de abordagem das autoras, que teria relação com uma dada concepção de história, na qual não haveria espaço para o estudo e a problematização de construções de gênero e de corpo como um espaço de inscrição de discursos.

Parece-me curioso, em especial, o que ocorreria com a África, na construção multissemiótica do livro didático, envolvendo textos de diferentes contextos históricos. A África parece marcada pela condição de outro em relação ao representante da norma – que, neste caso seria o europeu – não apenas na xilogravura, ou na representação do mapa de 1574, mas na própria maneira como é referida no texto atribuído a Le Goff.

A África, conforme o texto de Le Goff, teria aspecto de uma negra. A Europa é referida como soberana, e a cor branca, que representaria a norma, não é explicitada; a Ásia seria personificada numa princesa, que representaria a Ásia das especiarias, e não seria caracterizada como amarela; a América seria uma mulher impudicamente nua, ou seja, é referida como uma mulher, e não como um ser avermelhado (cor, frequentemente atribuída aos indígenas da América); já a África é matizada pela cor, ela é referida como negra, não como mulher negra. A ênfase na condição de negra, neste caso, não abarcaria uma conotação politicamente positiva do ser negra, mas a forma de marcar uma condição politicamente desfavorável, seja na representação do mapa eurocêntrico descrito por Le Goff, seja no recorte de texto atribuído a este autor.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Pergunto: a narrativa histórica do livro analisado não permitiria a (re)criação de discursos que parecem ultrapassados, sob o manto de uma imagem politicamente correta, constituída por problematizações pontuais como as concernentes ao eurocentrismo na cartografia da Idade Moderna, que não alteram efetivamente as bases discursivamente “conservadoras” da abordagem? A Europa não permaneceria narrada como lugar do desbravador, daquele que evoluiu tecnologicamente, incorrendo em práticas etnocêntricas?

A próxima construção multissemiótica que analiso envolve uma caricatura da segunda metade do século XIX, que pode ser encontrada no livro *História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil*, de Vicentino e Dorigo.

A caricatura está localizada no final de uma espécie de capítulo introdutório, intitulado *Bastidores da História*, que trata de posições metodológicas, conceituais e pertinentes à periodização, sendo que os textos verbais se desenvolvem no âmbito de dois subtítulos: *Estudar história: vários viajantes, múltiplos caminhos* e *História e periodização*. A imagem caricatural está na primeira página, após o término da abordagem subintitulada *História e periodização*, e, ao seu redor, encontram-se somente a legenda e um pequeno texto com observações relacionadas à estrutura do livro.

Na legenda, é enfatizado que a expansão imperialista europeia envolveu a disseminação de valores europeus, citando como exemplos, neste sentido, a concepção do tempo e as periodizações da história. Pode-se ler, também, que a caricatura seria de aproximadamente 1885 e, nela, a África seria seduzida pelos encantos europeus, representados por um ministro alemão.

Historicamente, encontramos, na caricatura, a prática de representar pessoas com o exagero de determinadas características físicas, bem como nela também podemos localizar representações que se caracterizam, especialmente, por evidenciar costumes e/ou comportamentos atribuídos a certos grupos humanos, sempre com o intuito de provocar o riso ou o sorriso irônico.

É significativa a observação de Hall (1997) pertinente a determinadas representações caricaturais, no texto intitulado *The spectacle of the 'other'*, dentro de análise de representações imagéticas de negros/as, relacionadas aos períodos de escravidão na Grã-Bretanha e nos EUA, ao imperialismo inglês na segunda metade do século XIX, bem como a períodos posteriores à prática escravista na Inglaterra e nos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

EUA. Ao abordar a estereotipia³ de negros/as, logo após a apresentação de quatro figuras – três relativas à escravidão nas chamadas Índias Ocidentais, e uma que seria uma ilustração de Lawson Wood de 1927 – o autor comenta que a estereotipia de negros era comum no campo da representação popular, possibilitando aos caricaturistas representar os/as negros/as com alguns poucos traços, ou seja, podiam reduzir as/os representadas/os a traços simples e essenciais que se corporificariam, por exemplo, em lábios grossos, no cabelo enrolado e na amplitude do rosto e do nariz. As caricaturas, enquanto tecidos discursivos, podem colaborar para a constituição e fortalecimento de determinadas representações de diferenças étnicas e de hierarquias e desigualdades sociais.

No caso em análise, encontramos de certa forma, na representação da África como uma “mulher negra”, o que estaria referido por Hall em relação à constituição de caricaturas, num contexto no qual observara a existência de estereótipos de negros/as. A representação em questão apresenta lábios grossos e de cor vermelha, nariz bastante largo e cabelo enrolado; o corpo nu, ao longo de sua representação, parece evidenciar a presença de formas roliças. A “África-mulher” estaria associada à natureza, ao não-civilizado, ao selvagem, bem como ao campo da emoção e do sentimento. Seduzida, segundo a legenda, pelos encantos europeus, está deitada em meio à vegetação, repousando a cabeça sobre um tecido branco, como que esperando por quem a cobijava. O ministro alemão, o europeu civilizado – masculino branco hegemônico no mundo ocidental – que no cenário de sedução está vestido, em posição de quem pareceria prestes a beijar, representaria a cultura que se opunha a natureza. A proximidade dos corpos, da “África-mulher” e do alemão, potencializaria o efeito da dicotomia que se estabeleceria através da cor – enquanto significante de uma dada condição étnica – de determinadas partes do corpo; assim, pode-se ver, lado a lado, rosto branco – rosto negro, mão e braço brancos – mão e braço negros; bem como também ficaria em destaque o que seria exagero na representação dos lábios “d’África”, em relação à representação dos lábios do europeu, que aparentariam uma maior “normalidade”.

O texto da primeira metade da legenda colaboraria para a demarcação de um campo de leitura possível, relativo à expressão metafórica “seduzida pelos encantos

³ O estereótipo, no presente trabalho, é tratado como uma prática de representação na qual uma pessoa real – sob o ponto de vista biológico – ou imaginada – real enquanto construção discursiva – seria reduzida a poucas características simples, essenciais, quando representada imagetivamente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

européus”, situada na segunda metade da legenda; tal metáfora seria “ancorada” à idéia de que a África fora conquistada pelo imperialismo europeu e contribuiria, por sua vez, junto ao restante da legenda, para a constituição de um determinado foco para a leitura do texto imagético. Assim, quando as/os endereçadas/os observassem a representação da relação de gênero na superfície da imagem, provavelmente a veriam como uma representação da relação colonizador-colonizado ou civilizado-primitivo, pertinente a tempo e espaço distantes. Portanto, não estaria em foco a construção de gênero, que ocorreria através de relações binárias – no tecido imagético-discursivo –, nas quais o gênero feminino seria constituído como o “outro”, sendo: associado à natureza, o “outro” da cultura; relacionado ao primitivo, o “outro” da civilização; materializado no âmbito de um corpo negro, o “outro” do branco europeu; assim, por fim, a mulher representada seria “o outro” do homem.

A representação da África “está em cena”, por ser objeto da ação européia imperialista. O representante europeu é matizado pela condição de alemão, na legenda da imagem, enquanto a denominação genérica de África colaboraria para a invisibilidade dos diferentes povos que constituíram o continente africano. A caricatura se encontra numa narrativa histórica que se assenta sobre uma periodização européia e propiciaria significativa centralidade às ações e instituições européias, não favorecendo a emergência do gênero e do corpo como objetos de análise, como no caso anteriormente analisado.

É interessante, entretanto, o que dizem os autores do livro, no qual se encontra a caricatura problematizada, no âmbito do texto intitulado *História e periodização* que a antecede: “o primeiro passo para superar o eurocentrismo na história é conhecê-lo historicamente, torná-lo objeto de estudo, desvendando como foram feitas as escolhas e definidos os temas que constituíram a história que ensinamos hoje” (Dorigo e Vicentino, 2004, p. 17). Construções histórico-discursivas que, por um lado, criticariam o eurocentrismo, e, por outro lado propiciariam a (re)criação de discursos eurocêntricos, poderiam colaborar em algum nível para a superação do eurocentrismo?

No livro *História Global: Brasil e Geral*, de Gilberto Cotrim está a outra construção discursiva que analiso no presente trabalho e que, como na concernente à caricatura, abarca representações relacionadas ao imperialismo europeu na segunda metade do século XIX.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A imagem, neste caso, é uma gravura, localizada junto a um texto verbal intitulado *Mito da superioridade da civilização industrial* – situado no capítulo 36 – que evidencia justificativas das grandes potências para o neocolonialismo e as exemplifica através do que seria um trecho de discurso do ministro francês Jules Ferry.

No texto imagético, o europeu David Livingstone está montado num boi, em meio a uma área de mata, sendo de certo modo escoltado por africanos/as que, diferentemente do europeu, estariam seminus. Uma mulher africana parece olhar com admiração para Livingstone.

A legenda da imagem informa a participação de David Livingstone, um escocês, na “missão civilizadora” europeia na África, bem como seu pioneirismo como missionário-explorador na travessia da África. Ou seja, na legenda do texto imagético, portanto não apenas neste, Livingstone se encontra em condição de destaque, com o nome citado, embora seja problematizada a “missão civilizadora” que ele estaria representando. Os/As africanos/as, na representação, não têm seu povo identificado e compõem um conjunto de personagens anônimos.

O texto de Cotrim estaria no interior de uma construção histórico-discursiva que abordaria criticamente a relação colonizador–colonizado, mas, como nos dois casos anteriormente analisados, não focaliza a construção de gênero, nem a de corpo e mantém-se dentro de uma periodização histórica e de um modo de narrar a história que favoreceria a (re)criação de discursos eurocêntricos. O título do citado texto e a própria legenda da imagem contribuem no sentido da focalização dos argumentos utilizados para a materialização do neocolonialismo do século XIX.

Em relação às justificativas para o neocolonialismo, pode-se ler na narrativa histórica que “uma das principais [...] era a ‘missão civilizadora’ das grandes potências, que [teriam] por obrigação ‘difundir o progresso pelo mundo’” (Cotrim, 2005, p. 331). O autor salienta elementos que embasariam a idéia de superioridade da civilização industrial do Ocidente, dentre os quais estariam características relativas à “raça branca”. Cotrim enfatiza que, com base em determinadas idéias “preconceituosas, racistas e de superioridade cultural, criaram-se argumentos para justificar a exploração brutal de diferentes povos africanos e asiáticos” (2005, p. 331).

Como no caso da caricatura anteriormente analisada, na presente gravura o masculino branco europeu hegemônico representaria a civilização e a cultura em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

oposição à natureza; o masculino negro africano e o feminino negro africano seriam os não-civilizados, primitivos, representados junto à natureza; assim, estes últimos/as seriam “o outro” do homem branco, da civilização e da cultura. O masculino e o feminino se constituiriam atravessando discursos de etnia e vice-versa, todavia, não seriam colocados em questão. O europeu é representado vestido e tem o privilégio de ser carregado por um animal, enquanto africanos/as estariam seminus e a pé, acompanhando sem resistência aquele que representava o colonizador numa espécie de cortejo. Aliás, é interessante que, ao lado do europeu, visualizamos uma mulher negra, olhando-o, como que à sua disposição ou, como já dito anteriormente, admirando-o.

Na sua obra *Crítica da imagem eurocêntrica*, Shohat e Stam (2006, p. 236), ao tratarem do *tópos* do resgate no discurso colonial, observam que, no âmbito da representação, o imaginário ocidental vê metaforicamente a terra colonizada “como a mulher que deve ser resgatada da sua desordem mental e da desordem do meio ambiente”, e enfatizam o lugar estratégico do referido *tópos* no que chamam de batalha da representação.

Shohat e Stam referem-se a um imaginário ocidental, voltado ao domínio, à conquista, enfim, falam do Ocidente do homem branco europeu que, no universo do pensamento moderno, ocupa lugar de poder sobre outras manifestações masculinas não-hegemônicas, e sobre as mulheres, que de certa maneira, são invisibilizadas. Dentre as imagens que abarcam representações eurocênicas nos livros analisados – vinte e uma imagens ao todo – encontraríamos bons exemplos deste “homem hegemônico” que dominou a África, a Ásia e a América, tratadas como lugares do outro.

Considerando os silenciamentos concernentes à construção de gênero nos textos verbais dos livros didáticos, nos processos de articulação com os textos imagéticos, pergunto: parte dos silenciamentos presentes nos livros didáticos, em relação a determinados discursos dos textos imagéticos, não seria indício de vínculo ainda estreito com estruturas teóricas enraizadas no pensamento moderno, ainda que em tempos de pós-modernidade? As representações dicotômicas que parecem articular os/as nativos/as da África, América e Ásia à natureza, polarizando com a representação do europeu civilizado e representante da cultura em oposição à natureza, também seriam relacionadas ao pensamento moderno? A própria evidência do gênero feminino como lugar de representação da América, da Ásia e da África, não estaria dentro de uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estrutura textual que permite olhar certas representações “sem as ver”, propiciando ao artefato pedagógico (livro didático) atuar de acordo com os pressupostos hegemônicos do dispositivo escolar do qual faz parte?

Nas representações analisadas, as diferenças étnicas e/ou de gênero seriam matéria-prima para representar e constituir a desigualdade. Os povos da África, da Ásia e da América seriam representados como que em déficit na relação com os Europeus.

Os discursos de gênero e de etnia que se (re)criariam nas referidas representações e que poderiam parecer “coisas do passado” teriam possibilidades de se imprimirem nas almas das/os aluna/os, principalmente quando constantemente reencontrados nas narrativas históricas dos livros didáticos, sob diferentes condições. Sabat (2004, p. 99) enfatiza: “independentemente da intenção implicada na produção de um signo, a simples possibilidade de ser citado e repetido *ad infinitum* faz com que ele continue inteligível e produtivo”; assim, a reiteração de determinados signos e de enunciados contribuiria para a constituição de certas identidades de etnia e de gênero.

Representações da África, da América e/ou da Ásia, em déficit na relação com a Europa, em diferentes recortes da narrativa histórica, podem colaborar no sentido de naturalizar compreensões de que a produção cultural européia é historicamente superior a de certos povos destes continentes. Ou seja, representações que parecem amarradas ao passado e à ação imperialista do século XIX podem ser produtivas no presente, como partes de um regime de verdade no qual se reiteram determinados signos e enunciados. Os discursos eurocêntricos podem se (re)criar em diferentes contextos, sob diferentes condições de possibilidade que lhes propiciem existência.

Ao longo da história brasileira, no âmbito de artefatos pedagógicos, determinados sujeitos são constantemente tratados, pensados e representados como outros. A “quantidade” de outros, nas construções histórico-discursivas dos livros didáticos brasileiros, não parece ser pequena, muito pelo contrário. No âmbito das representações eurocêntricas problematizadas no corrente texto, as representações de feminino negro seriam especialmente marcadas por um racismo de tipo diferencialista. Isto não é surpreendente, se considerarmos estudos como os realizados por Silva e Rosemberg (2008).

Estudos desenvolvidos por Silva e Rosemberg na mídia, evidenciam, de certa forma, como determinados discursos que pareceriam ultrapassados, ainda circulam em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

nossa sociedade. O autor e a autora utilizam o termo mídia de forma a compreender “a produção cultural de massa, em diversas formas e meios, incluindo, também, a literatura, a literatura infanto-juvenil e os livros didáticos” (2008, p. 74). A partir dos referidos estudos, que abarcariam uma “revisão da literatura sobre discursos raciais na mídia brasileira” (2008, p. 73) – envolvendo textos publicados entre 1987 e 2002 – afirmam que a estereotipia na representação de homens e mulheres negras (adultos e crianças) teria sido “particularmente notada [...] no desempenho de funções socialmente desvalorizadas na televisão, literatura infanto-juvenil e livros didáticos [...]” (2008, p. 82).

Nos casos observados por Silva e Rosemberg (2008), o estereótipo pode ser produtivo no sentido de ancorar o masculino e o feminino negro a lugares menos valorizados socialmente. Contribuiria para que tais sujeitos fossem classificados, ao serem imaginados, como pessoas que teriam “normalmente” uma condição social desfavorável em relação aos representantes da norma.

Nas últimas décadas, haveria uma ampliação quantitativa das representações de negros em livros didáticos, mas “o aumento na proporção de personagens negros [teria sido] acompanhado de uso de estratégias mais sofisticadas de discurso racista” (Silva e Rosemberg, 2008, p. 83). No período citado, uma presença mais significativa de personagens negros também se encontraria em outros artefatos culturais, como jornais e revistas, mas “por vezes, relacionado[s] a traços estereotipados” (Silva e Rosemberg, 2008, p. 83).

Com seus estudos, Silva e Rosemberg (2008) colaboram no sentido de que atentemos quanto ao regime de verdade no qual as representações se materializam. Uma grande quantidade de representações de sujeitos africanos, num determinado artefato pedagógico, não significa, necessariamente, que não estejam representados na condição de outro. Há que se pensar quanto ao regime de verdade que abarca tais representações.

Poder-se-ia perceber, a partir das análises desenvolvidas neste trabalho, que as representações eurocêntricas se encontram em construções histórico-discursivas, que ainda seriam bastante marcadas pela influência européia. Se, por um lado, podem-se encontrar críticas ao neocolonialismo do século XIX, por outro lado, existem limites que se colocam a tais críticas, à medida que a cronologia e boa parte dos acontecimentos que pautam a narrativa histórica dos livros analisados seria significativamente matizada



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pelo pensamento europeu. Assim, o neocolonialismo é criticado, mas Livingstone continua sendo aquele que é referido pelo nome, e tem, de certo modo, enfatizada sua condição de pioneiro na exploração do continente africano. A ação européia parece ser a um só tempo, objeto de crítica, de enaltecimento e ponto de referência para o desenvolvimento da narrativa histórica.

A não focalização das representações de gênero, de corpo e a maneira de abordar questões concernentes à etnia, na construção histórico-discursiva dos três livros didáticos problematizados, também teria relação com o fato de a narrativa histórica dos artefatos ainda ser, aparentemente, atravessada por discursos eurocêntricos.

Portanto, é provável, que nas narrativas dos livros em questão, haja um racismo de tipo diferencialista, que se (re)criaria sob um manto multiculturalista, o qual favoreceria a constituição de desigualdades sócio-políticas.

Referências

Obras consultadas

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 23, p. 36-61, maio/jun/ago. 2003.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

HALL, Stuart. The spectacle of the 'other'. In: HALL, Stuart. *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage / Open University, 1997. (Capítulo IV).

SABAT, Ruth. Só as bem quietinhas vão casar. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK, Teun (Org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 293-328.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. A produção social da identidade e da diferença.
In: _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis.
Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 73-102.

Obras analisadas

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 2005.

COTRIM, Gilberto. *História Global: Brasil e Geral*. São Paulo: Saraiva, 2005.

DORIGO, Gianpaolo; VICENTINO, Cláudio. *História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2004.